

A fundação do curso de árabe na USP (e outras aventuras de Helmi Nasr)

Aida Hanania¹

Jean Lauand²

Resumo: O artigo traz elementos para a história do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo, especialmente do curso de Língua e Literatura Árabe, fundado em 1962 pelo Prof. Dr. Helmi Nasr. Discutem-se também sete categorias do Sistema Língua-Pensamento Árabe (Lohmann): a ausência do verbo ser, a associação imediata de imagens, o pensamento confundente, o radical trilítere, as metáteses, o voltar-se para o concreto, a prevalência do passado.

Palavras Chave: Estudos Árabes. Universidade de São Paulo. Helmi Nasr. Língua Árabe

Abstract: The article is on the early history of the Department of Eastern Studies of the University of São Paulo, focusing especially on the course of Arabic Language and Literature, founded in 1962 by Professor Helmi Nasr. Seven categories of arabic System Language-Thought (Lohmann) are discussed: noun phrases without the verb to be, immediate association of images, “confounding” thought (Ortega), triconsonantal radicals, metathesis, the preference for concrete and for the past.

Keywords: Arabic Studies. University of São Paulo. Helmi Nasr. Arabic Language

Neste número não poderia faltar a evocação de um personagem, marco importante, fundacional, dos estudos árabes entre nós: o professor Helmi Nasr, que neste ano completa 98 anos e que em 1962 fundou o Curso de Língua e Literatura Árabe na USP.

A USP, hoje com 85 anos, era, em 1962, uma universidade muito jovem de um país que, instalado em séculos de atraso, começava a viver, então, grandes mudanças econômicas e culturais. Naqueles anos, o clima era de efervescência de desenvolvimento econômico; com a Novacap, como então era chamada Brasília, e o Brasil se afirmando nos esportes: bi-campeão mundial de futebol (e pela primeira vez podíamos ver os jogos, horas depois, em video-tape; a copa de 58, só foi acompanhada pelo chiado do rádio...); bicampeão mundial de basquete; as brilhantes conquistas de Maria Esther Bueno (o tênis, um esporte quase desconhecido); Éder Jofre, o “galo de ouro”. Em 1962, Palma de Ouro em Cannes com “O pagador de promessas”; o boom da bossa nova, “Garota de Ipanema” foi composta em 1962; a consagração internacional de Oscar Niemeyer.

A então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, minúscula se comparada com a atual FFLCH, concentrava uma incrível densidade de professores destacados, como: Alfredo Bosi, Antonio Candido, Aziz Ab'Saber, Bento Prado Júnior, Décio de Almeida Prado, Egon Schaden, Eurípedes Simões de Paula, Fernando de Azevedo, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Francisco Weffort, João Cruz Costa, José Arthur Giannotti, José de Souza Martins, Milton Santos, Octavio Ianni, Roger Bastide, Ruth Cardoso, Sérgio Buarque de Holanda... Boa parte dos estudantes iam para a aula na Maria Antonia, de bonde aberto, rangendo para subir a Angélica, com o cobrador, com uma das mãos recheada de notas dobradas entre os dedos, fazendo incríveis malabarismos para não deixar ninguém saltar sem pagar.

¹. Profa. Titular Aposentada do Depto. de Letras Orientais da FFLCH-USP. aida.hanania@gmail.com

². Prof. Titular Sênior da FEUSP. jeanlaua@usp.br

A imagem que o brasileiro tinha do mundo árabe era muito diferente na época: não se falava de islamismo nem de muçulmanos, não havia nada parecido com o protagonismo exercido hoje – pós Opep – pelos países árabes. Eram uns países remotos, indiferenciados e exóticos, muitos deles ainda colônias, atrasados, inexpressivos, ou dominados por potências ocidentais (1962 é o ano da independência da Argélia). Os numerosos imigrantes e descendentes em São Paulo – sírios e libaneses – ainda eram conhecidos como “turcos”; eram, em sua maioria, cristãos, talvez comerciantes da 25 de março e residiam no bairro do Paraíso. Comida árabe, só a da mãe ou da avó; havia raríssimos restaurantes árabes (Almanara, Bambi, Brasserie Victoria e uns poucos mais...) e duas ou três casas de esfiha e quibe nas imediações da Catedral Ortodoxa da Vergueiro. Nem em sonho a profusão de hoje, em que temos quase cem grandes lojas em São Paulo, para falar só de uma rede.

Um pouco mais conhecido era o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, com sua forte política nacionalista, um dos líderes do “movimento terceiro-mundista”, que enfrentara o poderio francês e britânico na Guerra de Suez, e que terá decisiva importância para a história dos estudos árabes no Brasil.



Foto: Francisco Emolo/Jornal da USP

Quem considera as dificuldades e delongas para a contratação de professores na USP e na FFLCH, ficará assombrado com o modo como foi criada a “Seção de Estudos Orientais” em 1962, inicialmente instalada junto ao Curso de História, sob a direção do grandioso Eurípedes Simões de Paula. O próprio Prof. Nasr nos conta em uma entrevista de 1993, respondendo a uma pergunta sobre a criação dos estudos árabes na USP:

Para dizer a verdade, essa é uma história de muitas alegrias e de muitas lutas. Eu, quando jovem, nem podia imaginar que viria a ser professor no Brasil, mas uma série de circunstâncias acabou por trazer-me para cá. Concluídos meus estudos universitários na França, voltei ao Cairo e fui nomeado professor de tradução francesa na Faculdade de Línguas Estrangeiras da Universidade de 'Ayn ash-Shams. Lecionava eu lá, quando a Universidade recebeu solicitação de três professores para ensinar árabe no exterior: um para Sidney na Austrália, outro para Santiago do Chile e um terceiro para São Paulo.

Não foi difícil para nossa faculdade atender os pedidos da Austrália e do Chile, pois havia um colega recém-chegado da Inglaterra e outro recém-chegado da Espanha. O problema era conseguir um professor para o Brasil. Isto aconteceu nos primeiros meses de 1962. É uma história interessante: Jânio Quadros, quando assumiu a presidência, foi

visitar os líderes orientais da época: Gamal Abdel Nasser – que, então, gozava de enorme prestígio em todo o mundo –, Nehru e outros. Voltando ao país, cheio de admiração por esses estadistas, decidiu criar, no Brasil, estudos orientais e pediu à Universidade de São Paulo que criasse esses cursos. A USP, em atenção ao pedido do presidente, resolveu criar sete cursos: árabe, hebraico, russo, chinês, japonês, armênio e sânscrito e contactou os países correspondentes, em busca de professores que se dispusessem a vir para cá. Ora, nessa época, os países árabes credenciados no Brasil eram três: Síria, Líbano e Egito. A USP escreveu para esses três países e, para sorte minha – este é um país maravilhoso –, só o Egito respondeu afirmativamente. O presidente Nasser, em atenção a Jânio Quadros, empenhou-se pessoalmente para que a Universidade designasse também um professor para o Brasil e, como disse, esse não era um problema de fácil solução. Como não houvesse resposta por parte da Universidade, uma semana depois, o presidente Nasser tornou a exigir uma solução rápida para o caso. Pressionado pela insistência do presidente, o diretor da Faculdade resolveu propor-me – afinal, o francês é uma língua semelhante ao português – que viesse ao Brasil. Daí a onze dias, veja só, chegava eu ao Brasil! O primeiro projeto previa a permanência de um ano como professor visitante, mas, quando o pedido chegou ao ministro da Educação, ele ponderou que só um ano para o Brasil era muito pouco e propôs dois anos. [...]

Enfim, cheguei aqui com muito entusiasmo e, no dia seguinte, já me encontrava na Faculdade com seu diretor, o saudoso Mário Guimarães Ferri, que me recebeu muito bem e logo disse a ele: "Eu quero começar". Veja bem, eu cheguei no dia 1 de maio de 1962 e o Curso principiou em setembro, como curso livre. E comecei a dar aulas sozinho nos três períodos: manhã, tarde e noite. Em 1963, teve início o curso regular: com uma aluna! E, paralelamente, dava cursos optativos: sempre repletos de alunos nos três períodos; era um trabalho duro mas também extremamente prazeroso. (...) Na verdade, quando cheguei, recebi também um convite para dirigir um jornal árabe e uma revista, além de diversas outras atividades relacionadas com o mundo e a cultura árabes. E, claro, o governo egípcio interessou-se pela minha permanência no Brasil: sem me consultar, custeou a prorrogação de meu contrato por mais dois anos, depois por outros dois e, assim, por oito anos, prazo máximo permitido pela lei egípcia para a permanência no exterior de um professor universitário. Indicaram-me, portanto, que regressasse: comecei a me preparar para retornar ao Cairo, mas quando informei o saudoso Prof. Eurípedes Simões de Paula, então diretor da Faculdade – e principal mentor da criação dos estudos orientais na USP – ele não aceitou e procurou o embaixador egípcio, solicitando-lhe que abrisse uma exceção no meu caso, até que a própria USP pudesse contratar-me. O governo egípcio atendeu-o e prorrogou minha permanência por mais dois anos, quando fui contratado. Para mim, foi muito bom, porque gosto muito do Brasil e de seu povo, que tem características semelhantes ao povo do Oriente, além do fato de que há uma numerosa colônia árabe no Brasil; colônia que, em geral, ocupa uma boa posição econômico-social, mas que necessita também, ao lado dessa posição privilegiada, de uma posição intelectual adequada e o Curso de Árabe na USP era um núcleo para esse trabalho. E, assim, nos anos seguintes – também pelo crescimento da importância do mundo

árabe no cenário mundial –, passou a haver mais alunos no Curso de Árabe do que em diversos outros cursos da Faculdade. Estive sozinho durante os primeiros sete anos. Depois, a Faculdade começou a contratar outros professores formados pelo Curso: Jubran Jamil El-Murr, Jorge Sáfady, Aida Ramezá Hanania, Luiz Ferreira da Rosa (um professor sem ascendência árabe...).

E assim, graças ao empenho de Nasser e Nasr, São Paulo finalmente ganhou um espaço acadêmico, de excelência, à altura de sua colônia árabe. Parece incrível que, com a importância que a cultura e a língua árabe têm para São Paulo e o Brasil, só em 1962 – e por conta de uma história de aventuras, digna das Mil e uma Noites – viéssemos a ter esses estudos universitários.

Quando se fala da criação da USP e de seu núcleo essencial, a FFCL, fala-se em “missão” de professores europeus, sobretudo em “missão francesa”. O prof. Nasr foi, anos depois, a “missão árabe”: anos heróicos, um jovem professor, sozinho durante anos, devotando-se à missão de, a partir do árabe, estabelecer a abertura para a totalidade do humano, que é, afinal, a própria essência da *universitas*.

Mas, naqueles começos, os estudantes atentavam mais para outros aspectos: quem passava pela sala 4 da velha Maria Antonia, tinha a oportunidade de encantar-se com a extrema amabilidade, generosidade, hospitalidade e impecável elegância do professor recém-chegado “das “Arábias”. Disfarçávamos o riso com as dificuldades que, então, ele tinha com o português: ao avisar os alunos que não haveria adiamentos para a data de entrega de tal trabalho, dizia: “Não tem escapamento!”. Ou, ao comentar a enorme quantidade de templos muçulmanos: “No Cairo, temos muitíssimos mosquitos” etc. Aliás, aí temos todo um folclore dos professores de orientais daquela época. Como quando a esposa de um deles, passando slides da obra do marido, um notável pintor, referia-se constantemente a seu *marchand*, dizendo: “Este é o *machão* de meu marido...”.

Nasr, profundamente religioso (discretamente, sempre manteve na USP seu tapete para orações) e herdeiro das multimilenares tradições muçulmana e egípcia, sempre foi uma fonte de serenidade para com seus colaboradores: ante aflitivas situações acadêmicas ou perversas “*manôplas*” (manobras) de algum colega, mantinha-se imperturbável para atinar com a melhor solução, sem se deixar contaminar por (justificáveis) iras. A constante imagem que temos dele, após todos esses anos, é a de um franco sorriso, de um otimismo que por nada se deixa abater e de uma paternal generosidade.



Foto: Francisco Emolo/Jornal da USP

Cedo aprendemos, por exemplo, que nunca deveríamos elogiar nada de sua grandiosa hospitalidade: seguindo a tradição de seus ancestrais, se se diz, por exemplo: “Professor, que bela gravata!” ele imediatamente obriga o incauto a levar a peça de presente. Uma vez, os autores fomos assaltados ao estacionar em frente à sua casa para uma reunião. Chegamos a seu apartamento trêmulos, sob o impacto de termos estado sob a mira de uma arma etc. Ele, serenamente, exatamente na linha dos também ancestrais contos árabes, celebrando a hospitalidade que nos ensinava nas aulas, tranquilizou-nos e quando informado de que o ladrão tinha nos levado x, obrigou-nos a embolsar 5x!

Sua generosidade é ampla e incomensurável. No final dos anos 80 e começo dos 90, sob sua orientação, lançamos – Nasr e os autores deste artigo – um ambicioso projeto editorial, que contou com colaboradores do porte de um Roshdi Rashed, Miguel Cruz Hernández, Hassan Massoudy (o maior calígrafo árabe do mundo), Evanildo Bechara, Jamil Almansur Haddad, Milton Hatoum, Josef Pieper etc.: a *Revista de Estudos Árabes*, a revista *Collatio* (desde o começo em importantes indexadores e bases de dados internacionais, em parceria com o prestigioso Departamento de Estudos Árabes da Univ. Autónoma de Madrid) e dez livros da coleção *Oriente e Ocidente*. Era um volume e uma qualidade muito acima das possibilidades de nosso Centro de Estudos Árabes, que não contava com nenhuma verba oficial. Conseguíamos financiamento como podíamos e quando não, o Prof. Nasr se adiantava a pessoalmente amparar esses projetos: “Nidinyah, não podemos interromper este trabalho!”, dizia à esposa, a saudosa Dra. Nida Gattaz Nasr (também professora – de espanhol – da FFLCH e falecida em 2007).

Nessa mesma época, empenhou-se, com os autores, em outra árdua missão, a criação do curso de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe, e mesmo depois de aposentado (compulsoriamente em 1992), continuou trabalhando voluntariamente nesse Curso, desde o começo muito mais fruto do sacrificado empenho pessoal nosso do que de apoios institucionais...

Outros trabalhos importantes do Prof. Nasr foram a publicação de um pioneiro dicionário árabe-português, a tradução para o árabe de *Novo mundo nos trópicos* de Gilberto Freyre e a monumental tradução, única em nossa língua feita diretamente do árabe, do Alcorão (ou do “sentido” do Alcorão, como querem os muçulmanos, pois, para eles, o livro sagrado é indissociável da língua árabe), com preciosas notas. Esse trabalho, entre tradução e revisões pela Liga Islâmica Mundial em Meca, durou 22 anos e foi finalmente publicado em 2005, pelo “Complexo do Rei Fahd”, a instância mais oficial do Islã.

Mesmo para os não crentes, o Alcorão contém intrigantes profecias, como a (sura 6, 65) de que Allah pode castigar “por cima ou por baixo” (descendo fogo como em Sodoma e Gomorra; ou abrindo as águas do Mar Vermelho, que afogaram o povo do Faraó) ou confundindo os árabes em seitas e divisões, de modo que uns experimentem a fúria dos outros. Mas Helmi Nasr cumpriu outra impressionante profecia: aquela em que Allah confia aos árabes (2; 143, 142) a missão de serem “povo do meio”, mediadores entre Oriente e Ocidente.

Para o árabe, a palavra *tariq*, não significa só caminho, mas acumula também o sentido de jeito, modo pessoal de cada um fazer as coisas (mesma acumulação semântica do *way* inglês). O que facilmente se compreende, pois no deserto não há estradas delineadas, cada um busca fazer o seu caminho. É o que Helmi Nasr cumpriu desde que, quando jovem, assumiu sua missão no Brasil: abrir caminhos, que hoje podem ser trilhados por muitos, que talvez nem se lembrem de que a ele devem as facilidades que encontram agora prontas...

Sua carreira como homem de paz e integração (dois dos significados do radical árabe s-l-m, de palavras tão fundamentais como *islam* ou *salam*) foi coroada em 2007, quando passou a integrar o seletivo grupo (21 membros) do Conselho dos Sábios, instância máxima de eruditos da Liga Islâmica Mundial.

Precisamente sobre a língua árabe é que, nós discípulos, a seguir, passamos a oferecer ao Mestre (e ao leitor), sete (número simbólico na tradição oriental) pequenas amostras de alguns resultados de nossas pesquisas daqueles anos, como uma singela homenagem do trabalho que realizamos sob sua orientação. Tais pesquisas giram em torno de características que formulamos a partir do conceito de sistema língua/pensamento árabe (Lohmann): a ausência do verbo ser, a associação imediata de imagens, o pensamento confundente, o radical trilitere, as metáteses, o voltar-se para o concreto, a prevalência do passado.

Uma recordação especialmente grata é a do artigo “Tom Jobim e a poesia árabe”, que publicamos em 1991 no “Jornal da Tarde”, analisando a genial canção “Águas de Março”.

E é que no sistema língua/pensamento árabe em vez dos longos e complicados discursos ocidentais, encontramos um rápido e cortante suceder de flashes, em frases nominais, provenientes de uma imaginação fulgurante com a irresistível força da imagem concreta. Assim, uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite, descrita por um ocidental nestes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, portanto, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o, disparei a atiradeira a fim de atingi-lo; de fato atingi-o e, portanto, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”. Já o árabe, tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em “Águas de Março”: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em clave ocidental: “O carro enguiçou devido à avaria provocada por excesso de lama”...).

Tal associação imediata de imagens é propiciada pela ausência do verbo ser como verbo de ligação na língua árabe, tal como, paradoxalmente, ocorre em “Águas de Março”. Naturalmente, a presença constante do verbo ser na letra da canção não invalida o caráter oriental do pensamento (onde se empregam frases nominais e não o “é”), pois trata-se da forma fraca, descartável, desse verbo. E a orientalização chega ao extremo quando no final da canção, interpretada por Tom e Elis (Elis com riso mal contido), o verbo ser é suprimido e se diz simplesmente:

Pau, pedra, fim caminho
Resto, toco, pouco sozinho
Caco, vidro, vida, sol
Noite, morte, laço, anzol

Outros aspectos, tipicamente árabes, do poema são as formas “Chuva chovendo” e “vento ventando”.

Algum tempo depois da publicação, o erudito jornalista Luiz Carlos Lisboa, então no “Jornal da Tarde”, quis emocionar-nos contando que tinha levado o artigo para Tom Jobim nos Estados Unidos e que Tom tinha apreciado muito saber de seu “lado” árabe...

Naturalmente, essa associação imediata (e a ausência do verbo ser) faz com que o provérbio seja uma forma tipicamente expressiva do sistema árabe. E não é por

acaso que em algumas de nossas formulações proverbiais imitemos o Oriente: Tal pai, tal filho; cada macaco no seu galho; casa de ferreiro, espeto de pau.

Se quisermos recuperar a explicitação ocidental, diremos: Tal como é o pai, assim também costuma ser o filho. É muito conveniente para a ordem da selva que cada macaco em seu galho esteja (se para os orientais já é complicado o verbo ser como verbo de ligação, imagine-se o desdobramento em ser/estar). Na casa do ferreiro, o espeto costuma ser de pau.

Essa associação imediata é tanto mais forte quanto o árabe tende a evitar as abstrações e voltar-se para o concreto. Tipicamente falando, enquanto nós tendemos para o abstrato, o indeterminado e o substantivado, como em “A educação vem do berço”; o árabe expressa a mesma ideia com imagens concretas:

Pai dele (é) alho; mãe (é) cebola: como pode ele cheirar bem?

E enquanto nosso provérbio é: “Quem o feio ama, bonito lhe parece”, o árabe diz:

O macaco aos olhos de sua mãe (é) gazela.

Nada de abstratos “a educação”, “a conduta” etc. A mesma palavra para conduta (boa ou má) é o concreto aroma (*rihat*), para nós metáfora (“a coisa está cheirando mal em Brasília”); para o árabe, simplesmente, a mesma e única palavra.

A comunicação é mais solta por conta do pensamento confundente (Ortega), típico dos Orientes. Nossas palavras são constituídas por um bloco fixo, que só deixa espaço para desinências que indicam número, gênero (e, em línguas como o latim, caso): *bonit-* ou *ros-* são invariáveis e acrescentaremos o, os, a, as para determinar se são um ou mais meninos ou meninas bonitas; e *-am* se a rosa latina for um objeto direto singular (*rosam*) ou *-arum* se quisermos nos referir a uma qualidade das rosas (*rosarum*). Já no árabe, o que conta é o radical, em geral, trilítere, triconsonantal, que é intra-flexionado, por vogais, que, além do mais, traduz seu pensamento confundente.

Essa forma de acesso ao real, o pensamento confundente, numa primeira aproximação concentra numa única palavra realidades distintas, mas conexas. Se distinguir, dar nomes diferentes para realidades diferentes, é uma importante função da língua; “confundir” é – como já faziam notar Ortega y Gasset e Julián Marías – igualmente importante, pois: “Não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes” (Marías). Em maior ou menor grau, variando de acordo com o setor da realidade a que se aplicam, todas as línguas são “distinguentes” e todas as línguas são confundentes. *Grosso modo*, se as línguas ocidentais parecem tender mais para a distinção, as línguas dos Orientes convidam ao pensamento confundente.

Tome-se, por exemplo, o já citado radical s-l-m, da palavra árabe *Salam* (em hebraico *Shalom*), usualmente traduzida por *paz*. Se quisermos ser fiéis à semântica semítica, consideremos não a palavra, mas o radical triconsonantal (que é a alma da língua semita: o radical determina essencialmente o campo de significado; as vogais só fazem a determinação periférica de sentido) SLM.

Paz é somente um dos múltiplos significados confundidos em SLM. SLM significa igualmente, por exemplo, unidade, integridade física ou moral: quando se quebra um giz, quando se sofre um ferimento, quando se estabelece uma separação ou se produz uma peça com defeito, está se rompendo a SLM. Daí que o nome SaLyM,

tão freqüente entre os árabes, signifique “o íntegro”, o que não se corrompe... Naturalmente, ninguém no Ocidente diria de um giz quebrado que ele perdeu sua “paz”, associação evidente e conatural para o semita.

Confundindo os conceitos de paz, saúde (física ou espiritual) etc. é natural que a saudação mais comum no mundo árabe (para encontro ou despedida) seja também precisamente: *Salam!* SLM indica também aceitação (de boa ou má vontade) e a atitude religiosa de acolhimento da vontade de Deus seja *iSLaM*. A mesma palavra SLM significa, ainda, integridade territorial.

Assim, de Salomão (**SaLuMun** ou **SuLaiMan**), Deus diz a seu pai Davi (um homem de guerras), em atenção ao nome de Salomão: "Este teu filho será um homem de *shalom*, pois Salomão é o seu nome" (1 Crn 22,9). E Deus, apesar da infidelidade do rei, mantém a "integridade", a "totalidade" do reino de **Salumun** e diz: "Não tirarei da mão de Salumun parte alguma do reino..." (I Reis 11,34).

Atento às consoantes, o árabe identificaria imediatamente a proximidade de sentidos, para tomar exemplos em português, de: parto e porta, Dilma e dilema, ou Datena e detona...

Se já o radical triconsonantal árabe confunde o ocidental, a situação se complica ainda mais com as metáteses. É relativamente frequente (e não casual) que metáteses, arranjos das consoantes, guardem relação de sentido entre si: Assim b-r-k (benção) não por acaso, relaciona-se com grande k-b-r (a benção sempre busca engrandecer) e a principal benção, o primogênito é b-k-r. B-x-r é a boa notícia (daí, etimologicamente, as alvíssaras); já X-r-b é beber, comemorar (daí nossas “bebidas” xarope ou sorvete). É como em português as casuais: senador/desonra, terno/tenro, podre/poder ou desorienta/desnorteia.

Para finalizar, outra estrutura surpreendente: o uso do passado para indicar futuro. A peculiar visão semita do tempo está ancorada no passado. É como se, numa visão monolítica do tempo, o presente e o futuro não tivessem autonomia em face do passado, este, sim, determinante e determinador. Essa preponderância do passado repercute na gramática. A gramática semita pode valer-se do passado para expressar o futuro, que aparece, assim, como mera resultante do passado. Como diz o Eclesiastes (1,9): “O que foi é o que será; o que se fez é o que se tornará a fazer: nada há de novo sob o sol!”. O futuro é, assim, até em termos gramaticais, determinado pelo passado e por ele expresso em sentenças proverbiais, como, por exemplo: “Quem semeia ventos, colhe tempestades”, que no original soa: “semeou ventos, colheu tempestades”. Tal fato torna-se compreensível quando nos lembramos de alguns exemplos de uso semelhante em nossa língua, especialmente em linguagem publicitária. Como na campanha da Skol retornável: “Trocou, economizou” (quem trocar, economizará); ou na antiga do Estadão: “anunciou, vendeu” (quem anunciar, venderá). Ou a clássica do Sedex “mandou, chegou” (se mandar, chegará). E quem bater, levará (“Bateu, levou”).

Esse passado voltado para o futuro, faz parte da mediação realizada por Helmi Nasr; da milenar tradição do Egito para a frenética São Paulo, abrindo caminhos ao andar, em missão de integração, paz, união: *islam, salam*. Após 53 anos cumprindo sua missão acadêmica no Brasil, Nasr regressou a seu Cairo natal em 2015, deixando a São Paulo e ao Brasil um legado inestimável.